

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

3º TRIMESTRE DE 2018



Estado da Bahia

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Antonio Henrique de Souza Moreira

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações – Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Coordenação de Produção Editorial

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Alcione Zanca

Editoração

Adir Filho

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

SUMÁRIO

3º TRIMESTRE DE 2018 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **2**

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA **8**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO **11**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **14**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **14**

Projeção do emprego formal **16**

NOTAS METODOLÓGICAS **17**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **17**

Projeções do mercado de trabalho formal **18**

3º TRIMESTRE DE 2018

A atividade econômica manteve um desempenho fraco e uma recuperação lenta no terceiro trimestre, mas diminuiu um pouco sua apatia. O mercado de trabalho não emplacou um processo de melhoria pujante e universal, mas revelou um quadro relativamente mais favorável no intervalo mais recente. Todavia, mesmo que os últimos resultados permitam crer que o cenário conjuntural adverso tenha ficado para trás, ainda não se pode defender a ideia irrestrita de progresso sustentável e robusto. Além do mais, no terceiro trimestre, o ambiente político e eleitoral era de indefinição, injetando incerteza no campo da tomada de decisões dos agentes econômicos.

O mercado de trabalho, mesmo que de maneira mais morosa, vem repercutindo o que tem ocorrido no ambiente macroeconômico. As análises deste boletim, com foco na Bahia, debruçadas em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), revelam um relativo progresso da realidade laboral baiana ao longo do ano. Entretanto, apesar de indicar a recomposição de alguns indicadores, fica patente a necessidade de maiores avanços para se ter caracterizado uma recuperação ampla e enraizada.

Enfim, fica cada vez mais claro que o fim da recessão não implicou, necessariamente, o início de um processo vigoroso de retomada e, muito menos, o retorno aos níveis pré-crise – principalmente no âmbito do mercado de trabalho, cujo ajuste segue uma dinâmica própria, com movimentos retardados perante os ciclos econômicos. Os indícios apontam para a permanência do quadro geral de dificuldades por um tempo maior que o esperado inicialmente pela maior parte dos analistas.

CENÁRIO ECONÔMICO

Mesmo sem vigor, com a performance de alguns indicadores macroeconômicos aquém do desejado, a economia baiana se mostrou menos anêmica no trimestre mais recente. A Agropecuária e os Serviços deram contribuições evidentes nesse sentido. O setor agropecuário, mesmo perante a recuperação do ano passado, deve prosperar ainda mais. A atividade de Serviços, ainda que lidando com recuo nos últimos 12 meses, parou de comprimir. Contudo, a Indústria, que vinha despontando com resultados positivos seguidos, voltou a perder fôlego. Além disso, o setor de Comércio, ao perpetuar um movimento de retração, expôs a grande dificuldade em trilhar uma recuperação.

De maneira efetiva, conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de setembro, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2018 está denotando expansão de 14,9% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou quase 8,6 milhões de toneladas. A produção física de grãos, assim, deverá fechar o ano com pouco mais de 9,8 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de elevação de 0,1% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá ampliar em 15,2%.

Em relação à indústria, de acordo com informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção total baiana, de julho a setembro de 2018, foi reduzida em 0,2% frente ao registrado no

mesmo intervalo de 2017 – voltando a apontar revés nesta base de comparação após a alta no mês anterior. O baque no ritmo produtivo do setor ocorreu apenas na indústria de transformação, que declinou 0,2%, já que na extrativa houve aumento de 0,8%. No acumulado dos últimos 12 meses, o quadro foi de estabilidade para o total da indústria.

O setor de Serviços, finalmente, parou de encolher. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre julho e setembro de 2018, em relação ao valor observado nos mesmos meses de 2017, exibiu uma elevação de 1,9% – segunda alta sucessiva na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, com contração de 2,9%.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou uma alteração negativa no volume de vendas do varejo baiano no terceiro trimestre de 2018 no confronto interanual, de 1,1%. A comparação com o mesmo período de um ano antes, depois de oito altas consecutivas, chegou ao sétimo recuo sucessivo. Entretanto, no acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador completou oito meses seguidos com variação positiva, tendo sido de 0,2% no mês mais recente – isso após 33 meses com resultado negativo e de ter chegado a apontar declínio de 13,0%.

Por fim, dúvida e preocupação seguem demarcando as expectativas do empresariado local quanto ao futuro. No entanto, agora, ao final do terceiro trimestre, a desconfiança se mostrou um pouco menos recrudescida – mas, isso, depois de ter atingido o maior nível de pessimismo do ano. Segundo o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, em setembro, após cinco quedas seguidas, a confiança voltou a avançar e atingiu o melhor patamar desde maio passado. À vista disso, a dinâmica de redução do pessimismo no meio empresarial do estado, observada a partir de abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece ter recuperado o rumo no final do terceiro trimestre (julho: -148 pontos; agosto: -168 pontos; e setembro: -79 pontos). Assumindo um viés de alta, mas ainda indicando pessimismo moderado, o último resultado do ICEB ajudou, desse modo, a minar a recente marcha de deterioração da confiança no meio empresarial baiano e contribuiu com o movimento mais amplo de resgate iniciado há mais de dois anos, permitindo crer novamente no retorno das expectativas positivas num futuro próximo.

EMPREGOS FORMAIS

Na Bahia, decorridos 33 meses ininterruptos sem surgimento líquido de oportunidades ocupacionais, o saldo de empregos formais, sob o cálculo de médias móveis de 12 meses, vem se mostrando positivo há dez¹. Após descaída no início do segundo trimestre, a trajetória de resultados positivos crescentes foi retomada, sugerindo ter se tratado de um solavanco momentâneo. Em setembro, o saldo atingiu o maior patamar dos últimos 46 meses, uma geração média de 2.079 postos – resultado que serve de amparo ao discurso de recuperação (Gráfico 1).

Mesmo vagaroso e nem sempre contínuo, o processo de reabilitação do mercado de trabalho baiano vem seguindo um itinerário progressivo de longo prazo desde o pior momento da conjuntura recente, quando da perda líquida de 7.384 postos em junho de 2016 – evidenciando

¹ Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

ter relegado ao passado os momentos mais críticos. Porém, superado o ciclo de contração e perante manifesto progresso, o mercado de trabalho local requer um dinamismo bem mais atlético para o resgate dos tempos áureos ou mesmo para neutralizar as perdas líquidas recentes.

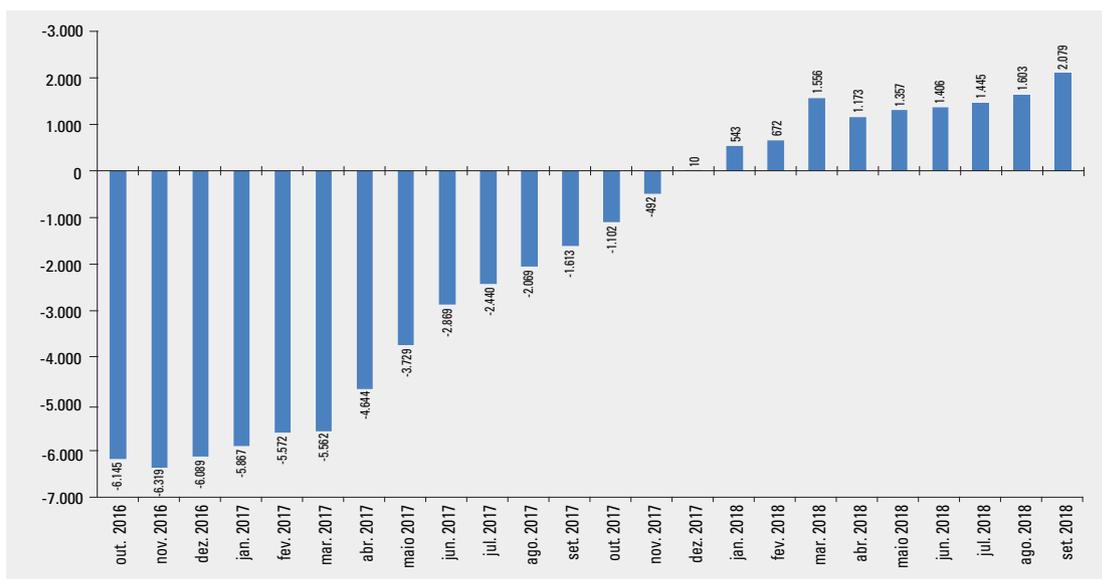


Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Out. 2016-set. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

A eclosão líquida de empregos formais no mercado de trabalho baiano foi realidade nos três trimestres do ano, fato que não acontecia desde 2014. O acumulado dos nove meses deste ano, 36.974 postos de trabalho gerados, representou uma elevação de 2,2% no contingente de 1.654.990 empregos com carteira assinada existente ao final de 2017. Fora isso, tal saldo foi três vezes maior que o obtido de janeiro a setembro do ano passado, de 12.151 postos.

A abertura líquida de 14.516 vagas no terceiro trimestre ficou acima do saldo verificado no mesmo intervalo do ano anterior e no trimestre imediatamente antecedente, quando 6.442 e 9.165 novos postos foram gerados, respectivamente (Gráfico 2). Na verdade, trata-se do melhor resultado trimestral desde o registrado de abril a junho de 2014. Ademais, o aumento da ocupação no terceiro trimestre de 2018, isoladamente, superou em muito o valor projetado inicialmente pelo corpo técnico da SEI.

Dentre os meses do referido trimestre, nenhum testemunhou queda do nível de emprego – assim como ocorrido um ano antes. Por sinal, o saldo foi crescente mês após mês nesse período. Dessa forma, enquanto o mês de setembro exibiu o maior saldo, de 8.509 vagas, os de julho e agosto apresentaram resultados mais modestos, de 1.535 e 4.472 novos postos, respectivamente. Até agora, no ano, apenas o mês de junho apresentou revés, com 1.190 postos eliminados.

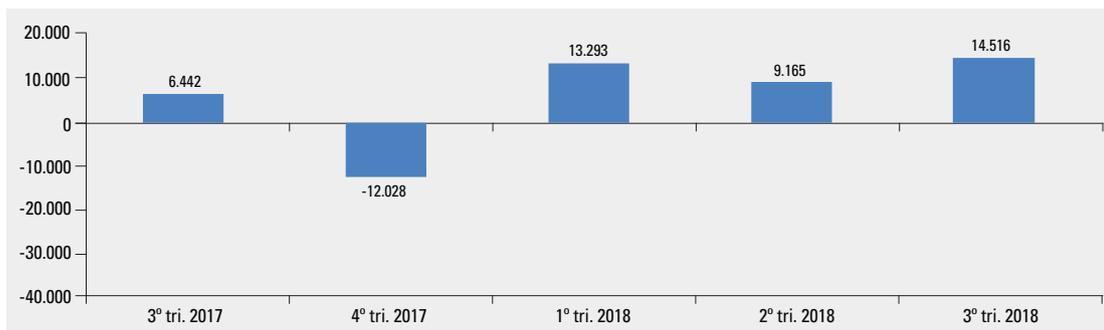


Gráfico 2

Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 3º tri. 2017-3º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A dilatação do mercado de trabalho formal baiano no terceiro trimestre não alcançou todos os estratos setoriais, já que em dois houve enxugamento líquido de postos. Nesse aspecto, a situação de agora se revelou melhor que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando três setores haviam fechado mais postos que aberto. Além do mais, agora, apenas três das oito atividades exibiram um desempenho pior (Construção Civil, Administração Pública e Agropecuária). No trimestre imediatamente antecedente, também, não mais que dois setores haviam apontado saldo negativo de empregos celetistas.

Em uma avaliação setorial, Serviços e Construção Civil, com geração líquida de 9.427 e 2.788 postos de trabalho no terceiro trimestre de 2018, respectivamente, destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela Tabela 1, os setores de Agropecuária (-786 postos) e de Administração Pública (-31 postos) foram os únicos a registrar dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo na Bahia.

Tabela 1

Saldo de empregos formais por setor de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 3º tri. 2017/2º tri. 2018/3º tri. 2018

Setor de atividade econômica	3º tri. 2017	2º tri. 2018	3º tri. 2018
Extrativa Mineral	132	264	514
Indústria de Transformação	1.267	2.154	2.129
Serviços Industriais de Utilidade Pública	-495	453	318
Construção Civil	3.675	-1.229	2.788
Comércio	-759	-1.496	157
Serviços	2.979	1.959	9.427
Administração Pública	12	617	-31
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-369	6.443	-786
Total	6.442	9.165	14.516

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada também foi positivo para o país no terceiro trimestre de 2018, com 308.662 postos a mais. Além do mais, vale ressaltar, todas as regiões geraram postos de trabalho. O Norte, com geração líquida de 28.528 empregos celetistas, foi a localidade que menos abriu postos. O Sudeste, por sua vez, com surgimento de 110.064 novas vagas, a que mais criou. Das unidades da Federação, em 25 houve geração líquida. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 14.516 oportunidades ocupacionais, ocupou a sétima posição, duas abaixo da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, todos obtiveram saldo positivo. A Bahia ficou com o terceiro melhor desempenho regional,

enquanto Pernambuco (+33.832 postos) e Piauí (+2.155 postos) exibiram o maior e o menor montante líquido de postos ativados do Nordeste no período, respectivamente.

Quanto à distribuição intraestadual, no terceiro trimestre deste ano, tanto a Região Metropolitana de Salvador (RMS) quanto o interior experimentaram surgimento líquido de vagas – replicando o ocorrido um ano antes (Tabela 2). Enquanto na RMS foram gerados 8.902 empregos com registro em carteira, no interior o resultado foi de 5.614 postos a mais – números, portanto, superiores aos do mesmo intervalo do ano anterior. Em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram apenas no interior do estado, o quadro atual se mostrou menos opulento nesta localidade e mais viçoso na RMS.

No acumulado dos nove meses de 2018, a criação de empregos formais na Bahia (+36.974 postos) foi avalizada principalmente pelo desempenho do interior (+28.645 postos), já que a RMS (+8.329 postos) registrou um ganho líquido de postos menos expressivo. Tal resultado serviu para realçar o protagonismo daquela região na geração de vagas no estado e, ao mesmo tempo, sinalizar a edificação de uma dinâmica própria do mercado de trabalho no interior. A área metropolitana se manteve, dessa forma, como entrave a um dinamismo mais contundente do mercado de trabalho formal em território baiano neste ano.

Tabela 2
Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 3º tri. 2017/2º tri. 2018/3º tri. 2018

Área geográfica	3º tri. 2017	2º tri. 2018	3º tri. 2018
Bahia	6.442	9.165	14.516
RMS	1.433	-3.908	8.902
Interior	5.009	13.073	5.614

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 14.516 empregos formais na Bahia, observado no terceiro trimestre, foi proveniente de 150.147 admissões e 135.631 desligamentos. Do trimestre imediatamente antecedente a este, as admissões e os desligamentos recuaram – aquelas em 2,6% (4.072 admitidos a menos) e estes em 6,5% (9.423 desligados a menos). A queda dos desligamentos num patamar superior ao recuo das contratações ajuda a entender a ocorrência de um resultado positivo mais expressivo no trimestre recente.

O montante de desligados no terceiro trimestre foi o menor de 2010 para cá, próprio de um contexto com estoque de empregos em níveis historicamente baixos, que por si só confere certa rigidez aos desligamentos involuntários e voluntários. Assim, o número desidratado de admitidos neste trimestre, ainda mais distante dos maiores registros do período recente, sinaliza que o grande obstáculo para uma sólida alavancagem do mercado de trabalho baiano se encontra mais relacionado com a dificuldade em se alocar e realocar do que com a de se manter em uma vaga.

Conforme a Tabela 3, houve recuo na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no terceiro trimestre². No campo das admissões, o reemprego³, tipo de contratação mais comum no referido mercado e única com variação positiva, aumentou 2,9% na comparação com o trimestre antecedente. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou decréscimo, queda de 5,9%. Entre todas as categorias, em termos relativos, os desligamentos por aposentadoria (+10,9%) e os por morte (+10,1%) exibiram as maiores altas de um trimestre ao outro. Na outra ponta, as admissões por reintegração (-40,7%) e os contratos de trabalho por prazo determinado (-29,2%) apresentaram os recuos de maior magnitude.

Tabela 3
Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 2º tri. 2018/3º tri. 2018

Tipo mov. desagregado	2º tri. 2018	3º tri. 2018	Varição
Admissão por Reemprego	120.651	124.179	2,9%
Admissão por Primeiro Emprego	15.952	13.538	-15,1%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	17.294	12.239	-29,2%
Admissão por Reintegração	322	191	-40,7%
Admissão por Transferência	0	0	-
Total de Admissões	154.219	150.147	-2,6%
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	138	153	10,9%
Desligamento por Morte	485	534	10,1%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	1.052	1.043	-0,9%
Desligamento por Acordo Empregado e Empregador	1.183	1.169	-1,2%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	6.091	5.028	-17,5%
Desligamento a Pedido	17.706	17.112	-3,4%
Desligamento por Término de Contrato	22.136	20.026	-9,5%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	96.263	90.566	-5,9%
Total de Desligamentos	145.054	135.631	-6,5%
Saldo (Admissões - Desligamentos)	9.165	14.516	-

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

De julho a setembro, impulsionado pelo resultado positivo no agregado, a abertura líquida de vagas aconteceu em quase todos os estratos de remuneração (Gráfico 3). A captação líquida de trabalhadores somente não se deu para os postos com maiores remunerações, as faixas de cinco a dez e de dez ou mais salários mínimos – sendo que o resultado negativo conjunto nestas não foi suficiente para suplantar o somatório dos saldos positivos nas demais. A maior geração líquida de vínculos ocorreu na classe delimitada por um e dois salários mínimos, enquanto o maior corte se verificou na de dez ou mais – diferentemente, portanto, do sucedido no mesmo intervalo de 2017 e no segundo trimestre deste ano, quando as camadas de até um salário mínimo e de dois a cinco salários mínimos foram os destaques positivo e negativo, respectivamente.

Do segundo ao terceiro trimestre deste ano, o saldo de postos de trabalho somente não avançou em um dos estratos de valor. Nesse aspecto, de um intervalo ao outro, a categoria dos que receberam até um salário mínimo foi a única que retrocedeu, ou seja, que exibiu um saldo menor agora do que no trimestre imediatamente antecedente. No outro extremo, o grupo dos que receberam de um a dois salários mínimos foi o que mais progrediu.

2 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

3 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

Diferentemente do trimestre antecedente, quando a abertura líquida de postos foi observada em apenas um dos níveis de remuneração, no trimestre mais recente, como se destacou, aconteceu em três. A tática em disponibilizar oportunidades para as ocupações com as mais baixas remunerações, adotada pelas empresas como forma de evitar o avanço dos custos, parece ter sido flexibilizada no terceiro trimestre, já que alcançou aquelas nas faixas de um a dois e de dois a cinco salários mínimos, conduta condizente com um panorama de retomada econômica continuada mesmo que lenta.

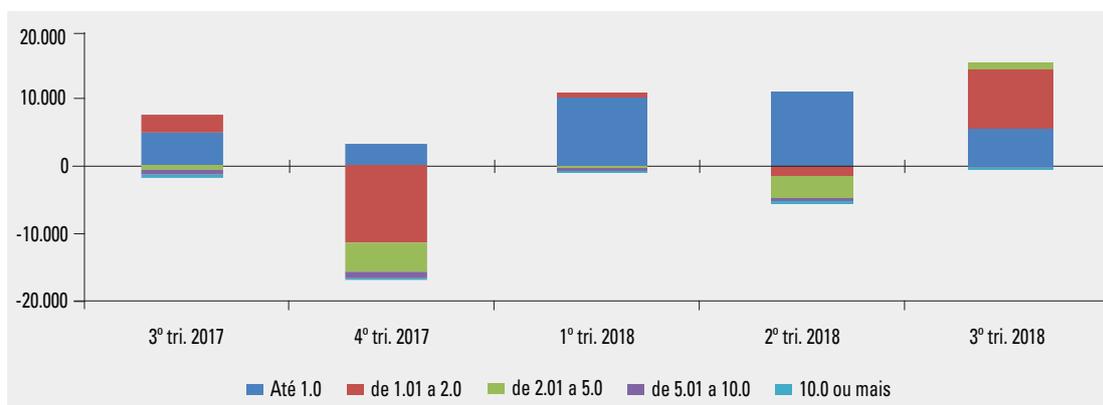


Gráfico 3
Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 3º tri. 2017-3º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

O salário real médio de admissão, na Bahia, chegou a R\$ 1.359 no terceiro trimestre de 2018 – inferior em R\$ 177 em relação ao do país, de R\$ 1.536. Trata-se da maior quantia do ano. Em relação ao intervalo de abril a junho deste ano, quando alcançou R\$ 1.326, houve avanço aproximado de 2,5%. Na comparação interanual, ocorreu uma queda de 2,4% – já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.393. A evolução trimestral deste importante indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

A remuneração média dos trabalhadores admitidos manteve o movimento de vaivém e, após recuo no período imediatamente anterior, voltou a aumentar no trimestre mais recente. O salário real médio de desligamento, por sua vez, regrediu pela quarta vez seguida – ficando abaixo dos registrados desde o primeiro trimestre de 2013. A diferença relativa entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no terceiro trimestre, diminuiu tanto em relação a do trimestre anterior quanto a do mesmo trimestre de 2017. Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 94,7% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no terceiro de 2017, esses percentuais foram de 90,7% e 91,5%, respectivamente – denotando aumento do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.

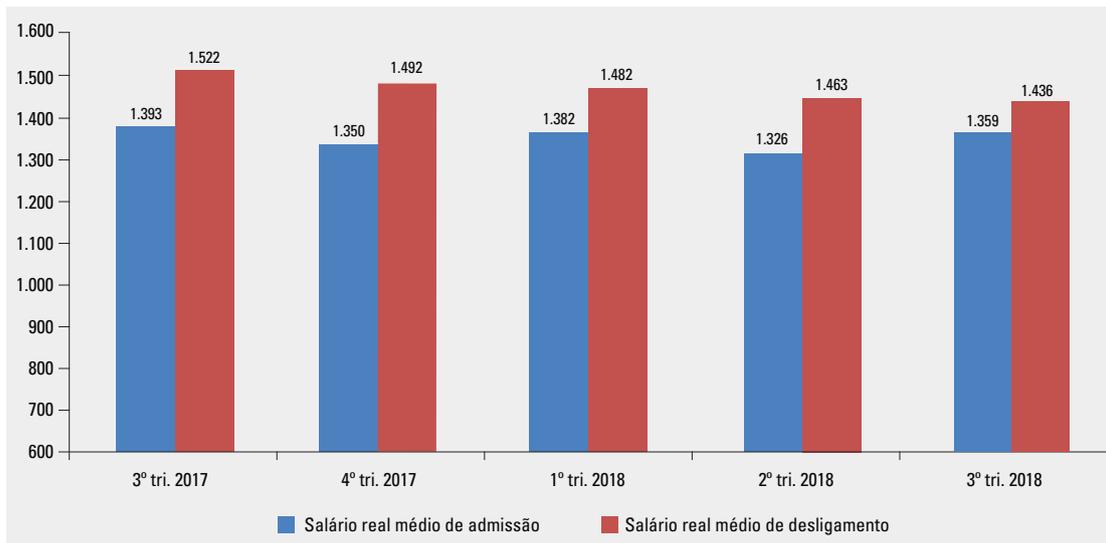


Gráfico 4
Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 3º tri. 2017-3º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Dados deflacionados em relação a setembro de 2018 pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA

No terceiro trimestre de 2018, na Bahia, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação atingiu 16,2% da população na força de trabalho. O resultado em questão representou a sétima maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, mas a segunda quando se volta apenas aos registros dos terceiros trimestres⁴. No contexto brasileiro, a taxa foi de 11,9% no referido trimestre, também o sétimo maior valor desde o princípio da série.

Até o momento, em 2018, as taxas trimestrais de desocupação têm sido menores que suas correspondentes no ano imediatamente anterior (Gráfico 5). Após o repique no início do ano, a taxa de desocupação no estado exibiu duas quedas em sequência e reassumiu a tendência declinante iniciada após o primeiro trimestre de 2017, quando de seu máximo (18,6%). Do primeiro ao segundo trimestre do ano, quando passou de 17,9% para 16,5%, a taxa havia diminuído 1,4 ponto percentual e, agora, em relação ao trimestre imediatamente antecedente, a queda foi de somente 0,3 ponto percentual. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2017, quando o indicador foi estimado em 16,7%, também houve decréscimo, com a taxa do penúltimo trimestre de 2018 ficando 0,5 ponto percentual abaixo⁵.

A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (11,9%) e do Nordeste (14,4%) no terceiro trimestre de 2018. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (7,9%). Entre as unidades da federação, assim como no trimestre imediatamente antecedente, a Bahia exibiu a quinta

4 A PNAD Contínua foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

5 As reduções verificadas tanto em relação ao segundo trimestre deste ano quanto ao terceiro trimestre de 2017, tecnicamente, sugerem estabilidade, já que não se mostraram significativas estatisticamente.

mais elevada. Enquanto isso, Amapá (18,3%) foi o estado com a maior taxa de desocupação no período e Santa Catarina (6,2%), com a menor.

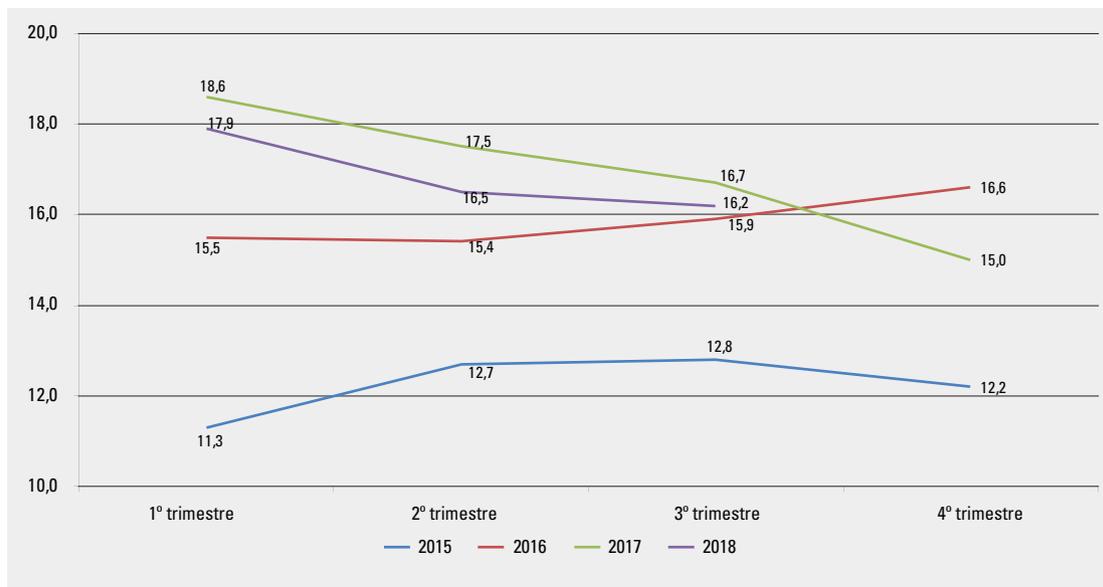


Gráfico 5
Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2015-2018

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) – IBGE.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Além da queda da taxa trimestral de desocupação, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas em território baiano aumentou no comparativo com os trimestres de referência. No terceiro trimestre deste ano, o nível da ocupação chegou a 48,9%, ao passo que havia sido de 48,4% e 47,8% no terceiro trimestre de 2017 e no trimestre imediatamente anterior, respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, também aumentou, chegando a 58,4% no intervalo mais recente⁶.

No trimestre analisado, a população ocupada foi estimada em 6,094 milhões, representando alta de 2,0% (+119 mil pessoas) em referência ao montante existente no mesmo período do ano passado e alta de 3,1% (+185 mil) quando confrontada com a do trimestre imediatamente anterior. A população desocupada foi estimada em 1,175 milhão de indivíduos – avanço de 0,6% frente à do segundo trimestre de 2018 e recuo de 1,8% em relação à do mesmo trimestre de um ano antes. Em relação ao registrado há um ano, a redução de 22 mil pessoas no contingente de desocupados esteve relacionada com a expansão de 119 mil postos de trabalho num patamar acima dos 97 mil indivíduos que ingressaram na força de trabalho.

Assim como houve queda da taxa de desocupação em um ano, a taxa composta da subutilização da força de trabalho na Bahia também diminuiu, passando de 40,1% para 38,5% do terceiro trimestre de 2017 para o trimestre mais recente, respectivamente – um recuo, portanto, de 1,6 ponto percentual, mas ainda o quinto maior percentual da série⁷. Em um ano, a Bahia passou da maior para a terceira maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. No território nacional, a taxa ficou em 24,2% no período retratado. Em relação ao segundo trimestre deste ano,

6 A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação às pessoas em idade de trabalhar, enquanto o nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

7 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

quando o referido indicador registrou 39,7%, a queda foi de 1,2 ponto percentual. Atualmente, 3,226 milhões de pessoas de 14 anos ou mais se encontram na condição de subutilizadas na Bahia.

O montante de desalentados no terceiro trimestre deste ano em terras baianas foi de 794 mil pessoas, terceiro maior registro da série⁸. Apesar do aumento de 112 mil pessoas (+16,4%) nessa condição em um ano, houve diminuição de 83 mil (-9,5%) quando se leva em consideração o segundo trimestre de 2018. No entanto, trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 16,6% da população desalentada brasileira. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado foi de 9,8% no terceiro trimestre de 2018.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o nível de emprego aumentou nos setores *Alojamento e alimentação* (+8,2%); *Indústria geral* (+5,9%); *Construção* (+5,6%); *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+3,4%); *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (+2,9%); e *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (+1,0%). Em compensação, a ocupação decresceu nos setores *Transporte, armazenagem e correio* (-7,9%); *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (-4,5%); e *Serviços domésticos* (-0,8%). O montante de pessoas ocupadas em *Outros serviços*⁹, por sua vez, não sofreu alteração de um ano para o outro.

Com base na PNADC, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no terceiro trimestre de 2018, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.530 – o terceiro maior registro de toda a série. Em relação ao penúltimo trimestre de 2017, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.425, houve avanço de 7,4%, e num comparativo com o do trimestre anterior, cujo valor estava em R\$ 1.529, a variação foi ínfima, de 0,1%. A massa de rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 8,995 bilhões – expansão de 2,8% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 8,752 bilhões, e de 9,3% num comparativo com a do mesmo trimestre do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 8,227 bilhões.

8 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por pelo menos uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

9 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 4

Síntese das principais informações da PNAD Contínua – Bahia – 3º tri. 2017/2º tri. 2018/3º tri. 2018

Indicador	Estimativa			Variação	
	3º tri. 2017	2º tri. 2018	3º tri. 2018	3º tri. 2018/ 3º tri. 2017	3º tri. 2018/ 2º tri. 2018
Taxa de desocupação	16,7%	16,5%	16,2%	-0,5 p.p.	-0,3 p.p.
Nível da ocupação	48,4%	47,8%	48,9%	0,5 p.p.	1,1 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,1%	57,3%	58,4%	0,3 p.p.	1,1 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	40,1%	39,7%	38,5%	-1,6 p.p.	-1,2 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	17,0%	15,1%	15,3%	-1,7 p.p.	0,2 p.p.
Percentual de desalentados (1)	8,7%	11,0%	9,8%	1,1 p.p.	-1,2 p.p.
População em idade de trabalhar	12.335 mil	12.357 mil	12.456 mil	1,0%	0,8%
População na força de trabalho	7.172 mil	7.077 mil	7.269 mil	1,4%	2,7%
Ocupada	5.975 mil	5.909 mil	6.094 mil	2,0%	3,1%
Subocupada por insuficiência de horas trabalhadas	1.013 mil	891 mil	934 mil	-7,8%	4,8%
Desocupada	1.197 mil	1.168 mil	1.175 mil	-1,8%	0,6%
População fora da força de trabalho	5.163 mil	5.280 mil	5.187 mil	0,5%	-1,8%
Na força de trabalho potencial	1.112 mil	1.244 mil	1.117 mil	0,4%	-10,2%
Desalentada	682 mil	877 mil	794 mil	16,4%	9,5%
População subutilizada	3.322 mil	3.304 mil	3.226 mil	-2,9%	-2,4%
Rendimento médio real habitual (em reais)	R\$ 1.425	R\$ 1.529	R\$ 1.530	7,4%	0,1%
Massa de rendimento real (em milhões de reais)	R\$ 8.227	R\$ 8.752	R\$ 8.995	9,3%	2,8%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) – IBGE.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

A taxa de desemprego total da Região Metropolitana de Salvador (RMS), calculada pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), para o terceiro trimestre de 2018, foi de 26,7%. Esse resultado se mostrou superior aos registrados no segundo trimestre (25,1%) e no mesmo período do ano anterior (23,7%) (Gráfico 6). A rigor, essa foi a maior taxa para um terceiro trimestre desde 2003. Em relação ao desempenho do segundo trimestre, a pesquisa identificou relativa estabilidade da taxa de participação, da População Economicamente Ativa (PEA) e do rendimento médio dos ocupados e redução do nível de ocupação (Tabela 5).

O crescimento da taxa de desemprego em relação ao segundo trimestre do ano adveio da redução da ocupação (decréscimo de 28 mil postos de trabalho ou -1,8%), combinado com o acréscimo de trabalhadores à PEA (mais 6 mil pessoas ou +0,3%). Com isso, o número de pessoas na condição de desemprego atingiu 544 mil, 34 mil (ou +6,7%) acima do calculado para o segundo trimestre.

O aumento da taxa de desemprego total foi ainda mais intenso em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, passando de 23,7% para os atuais 26,7%. Isso ocorreu devido a combinação entre o forte crescimento da PEA (+5,9% ou acréscimo de 114 mil trabalhadores) e o insuficiente aumento da ocupação (+1,8% ou 26 mil postos a mais). Com isso, o contingente de desempregados cresceu 19,3% em 12 meses, o que representou a adição de 88 mil pessoas nesse ínterim.

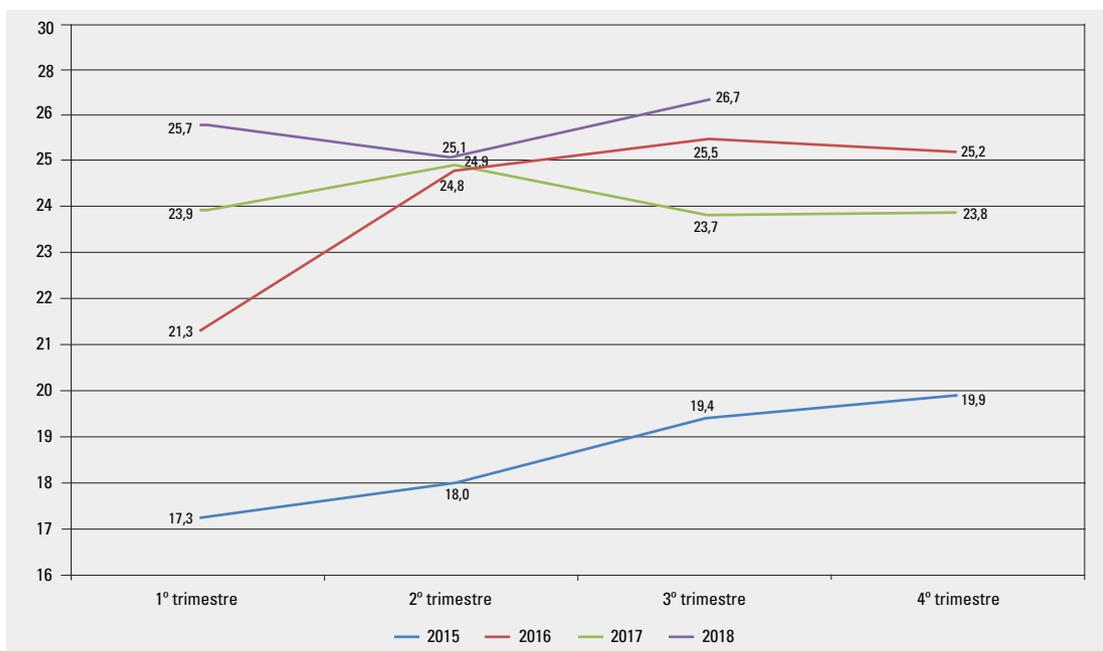


Gráfico 6
Taxa trimestral de desemprego total – RMS – 2015-2018

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

O nível de ocupação da RMS diminuiu 1,8%, com a perda de 28 mil postos de trabalho entre o segundo e o terceiro trimestre de 2018. A redução do número de trabalhadores foi relativamente maior na *Construção*, com perda de 10,5% ou 12 mil postos de trabalho, mas também foi expressiva nos *Serviços*, com a redução de 2,8% ou 27 mil postos de trabalho e no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*, com fechamento de 1,3% dos postos existentes ou 4 mil posições de trabalho. Houve aumento da ocupação apenas na *Indústria de transformação*, calculado em 7,1% ou 7 mil postos.

Houve pequeno aumento do nível de ocupação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (+1,8% ou 26 mil postos a mais). O resultado foi obtido com crescimento do *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (acréscimo de 4,8% ou 14 mil postos) e dos *Serviços* (+2,9% ou 27 mil postos). O crescimento da ocupação foi contido pelo desempenho negativo da *Construção* (-18,4% ou 23 mil postos a menos) e da *Indústria de transformação* (-2,8% ou redução de 3 mil postos).

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, a redução do nível de ocupação entre o terceiro trimestre de 2018 e o segundo esteve relacionada com o desempenho negativo do trabalho *Assalariado* (-2,7% ou 27 mil empregos a menos), haja vista que o contingente no *Emprego doméstico* cresceu intensamente (+11,1% ou surgimento de 12 mil postos) e o de *Autônomos* ficou relativamente estável (+0,3% ou mais 1 mil trabalhadores). Entre os *Assalariados*, houve diminuição tanto no setor público (-8,6% ou 13 mil postos a menos) quanto no setor privado

(-1,2% ou diminuição de 10 mil postos). No setor privado, a perda de 5 mil postos de trabalho em cada segmento representou 4,3% dos empregos assalariados sem carteira de trabalho assinada e 0,7% dos postos protegidos pela carteira assinada.

A análise em relação ao mesmo trimestre do ano anterior mostra forte crescimento do *Emprego doméstico* (+7,1% ou adição de 8 mil postos de trabalho) e aumentos menos intensos no trabalho *Assalariado* (+1,2% ou 11 mil empregos a mais) e das ocupações *Autônomas* (+0,6% ou mais 2 mil postos). Entre os assalariados, foram criados 10 mil postos de trabalho no setor privado (+1,2%) e 3 mil no setor público (+2,2%). No setor privado, houve elevado crescimento das posições sem carteira assinada (+31,8% ou acréscimo de 27 mil postos de trabalho) e redução do emprego assalariado com carteira assinada (-2,3% ou 17 mil empregos a menos). Esta evolução replica o quadro de deterioração das relações de trabalho.

O rendimento médio real dos ocupados da RMS em agosto de 2018¹⁰ foi calculado em R\$ 1.478, inferior, portanto, ao dos assalariados (R\$ 1.550). Em relação aos resultados do segundo trimestre, o rendimento médio dos ocupados ficou relativamente estável (+0,3%), enquanto o dos assalariados aumentou levemente (+0,8%).

Nesse período, a massa de rendimentos do trabalho ficou relativamente estável (-0,2%) devido às estabilidades do nível de emprego e do rendimento médio. A massa de rendimentos dos assalariados reduziu 1,2%, em função da diminuição do nível de emprego (-1,8%), já que houve oscilação positiva no rendimento médio.

Entre o último mês de agosto e o terceiro trimestre de 2017, houve redução da massa de rendimentos dos ocupados (-0,8%) e na dos assalariados (-1,1%). Em ambos os casos, o movimento foi provocado pela redução dos rendimentos reais, já que o nível de emprego cresceu 3,4% e 2,1%, respectivamente.

¹⁰ No momento de conclusão desse texto, os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego relativos aos rendimentos do trabalho no terceiro trimestre de 2018 ainda não estavam disponíveis. A análise reporta, portanto, aos valores recebidos em agosto de 2018.

Tabela 5

Síntese das principais informações da PED para RMS – 3º tri. 2017/2º tri. 2018/3º tri. 2018

Indicador	Estimativa			Variação	
	3º tri. 2017	2º tri. 2018	3º tri. 2018	3º tri. 2018/ 3º tri. 2017	3º tri. 2018/ 2º tri. 2018
Taxa de desemprego total	23,7%	25,1%	26,7%	3,0 p.p.	1,6 p.p.
Taxa de desemprego aberto	16,7%	17,7%	18,2%	1,5 p.p.	0,5 p.p.
Taxa de desemprego oculto	6,9%	7,3%	8,4%	1,5 p.p.	1,1 p.p.
Taxa de participação	57,0%	59,4%	59,3%	2,3 p.p.	-0,1 p.p.
População em idade ativa	3.377 mil	3.423 mil	3.438 mil	1,8%	0,4%
População economicamente ativa	1.925 mil	2.033 mil	2.039 mil	5,9%	0,3%
População desempregada	456 mil	510 mil	544 mil	19,3%	6,7%
População ocupada	1.469 mil	1.523 mil	1.495 mil	1,8%	-1,8%
<i>Setor de atividade (1)</i>					
Indústria de transformação	109 mil	99 mil	106 mil	-2,8%	7,1%
Construção	125 mil	114 mil	102 mil	-18,4%	-10,5%
Comércio (2)	291 mil	309 mil	305 mil	4,8%	-1,3%
Serviços	921 mil	975 mil	948 mil	2,9%	-2,8%
<i>Posição na ocupação</i>					
Assalariados	946 mil	984 mil	957 mil	1,2%	-2,7%
Setor privado	811 mil	831 mil	821 mil	1,2%	-1,2%
Com carteira	726 mil	714 mil	709 mil	-2,3%	-0,7%
Sem carteira	85 mil	117 mil	112 mil	31,8%	-4,3%
Setor público	135 mil	151 mil	138 mil	2,2%	-8,6%
Autônomos	319 mil	320 mil	321 mil	0,6%	0,3%
Empregados domésticos	112 mil	108 mil	120 mil	7,1%	11,1%
Inativos com mais de 10 anos	1.452 mil	1.390 mil	1.399 mil	-3,7%	0,6%
Rendimento médio real dos ocupados (3)	R\$ 1.532	R\$ 1.474	R\$ 1.478	-3,5%	0,3%
Salário médio real dos assalariados (3)	R\$ 1.590	R\$ 1.537	R\$ 1.550	-2,5%	0,8%

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Notas: 1 Não estão incluídos "outros setores" e "setores não identificados".

2 Na íntegra, a nomenclatura do referido setor de atividade é Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas.

3 Os dados de rendimento, investigados em cada mês, referem-se ao mês imediatamente anterior e, portanto, têm sempre esta defasagem em relação às demais informações da pesquisa. Dessa forma, por tal limitação, o valor do terceiro trimestre de 2018 se reporta aos valores recebidos em agosto de 2018. Inflator utilizado: IPC-SEI; valores em reais de agosto de 2018.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas empresariais de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas dos empresários em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde dezembro de 2013. O IEE, no entanto, demonstrou avanço comparativamente ao trimestre anterior (julho: -99 pontos; agosto: -116 pontos; e setembro: -49 pontos), além de registrar o terceiro menor nível de pessimismo deste ano – sugerindo, assim, certo freio da desconfiança quanto a retomada das contratações no curto prazo.

A queda do pessimismo quanto ao emprego em relação ao término do trimestre antecedente, no entanto, não se deu de forma generalizada (Gráfico 7). Entre as atividades, o setor de Comércio indicou alta. A Agropecuária, a Indústria e os Serviços, por outro lado, apontaram um panorama relativamente menos degradado dessas expectativas ao fim do trimestre mais recente. Nesse contexto, o setor de Comércio terminou com o pior dos indicadores e o de Agropecuária revelou as melhores percepções em relação às contratações futuras.

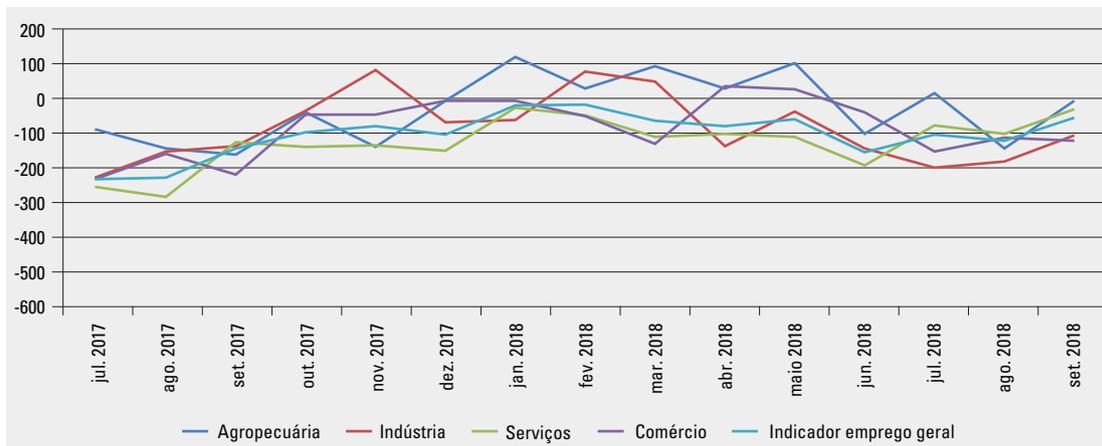


Gráfico 7
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Jul. 2017-set. 2018

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Analisando-se o nível esperado de futuras contratações, 58,1% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; 29,3% dos entrevistados afirmaram que pretendem promover o desligamento de empregados; e 12,6% cogitaram a possibilidade de contratar. Pontualmente, aumentou a distância entre a proporção das empresas com intenção de comprimir o quadro de pessoal e a das que preveem estender, com aquela se tornando ainda maior do que esta na passagem de um trimestre ao outro.

Mesmo sem suprimir a esperança de recuperação, os sinais indicam um processo arrastado. Conforme o Gráfico 8, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários aumentou novamente, registrando duas altas seguidas e o maior patamar de um ano para cá. O fito de admitir, por sua vez, retrocedeu, também pela segunda vez – alcançando o menor percentual desde o do terceiro trimestre de 2017. De resto, a perspectiva empresarial em manter o quantitativo de empregados continua bastante elevada, apesar da segunda queda sucessiva.



Gráfico 8
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 3º tri. 2017-3º tri. 2018

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Projeção do emprego formal

De acordo com a projeção realizada pela SEI, o mercado de trabalho baiano interromperá momentaneamente seu processo de recuperação no último trimestre de 2018, com supressão prevista de 7.184 postos (Tabela 6). Tal resultado, caso se concretize, não será surpresa, já que desde o ano de 2011, de forma recorrente, o quarto trimestre vem sendo marcado como um período de atrofia do mercado de trabalho celetista baiano.

No caso de tal expectativa se confirmar, o saldo de empregos com carteira assinada no intervalo em questão, numa comparação entre quartos trimestres, mesmo negativo, representará o melhor desde o registrado em 2013, quando houve perda líquida de 5.466 vínculos de trabalho celetistas. Dessa maneira, tal projeção não enfraquece a tese de que algum processo de recuperação se encontra em curso no estado.

A eliminação líquida de empregos com carteira assinada esperada para o quarto trimestre de 2018 deverá ser influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Agropecuária (-6.392 postos de trabalho), Construção Civil (-4.336 postos) e Indústria de Transformação (-2.970 oportunidades). Por outro lado, Serviços (+4.001 vagas) e Comércio (+3.350 empregos celetistas) tendem a se caracterizar como os contrapesos mais relevantes. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 6
Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica – Bahia – 4º tri. 2018

Setor de atividade econômica	Saldo projetado
Extrativa Mineral	227
Indústria de Transformação	-2.970
Serviços Industriais de Utilidade Pública	511
Construção Civil	-4.336
Comércio	3.350
Serviços	4.001
Administração Pública	-1.575
Agropecuária	-6.392
Total	-7.184

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Nota: O saldo projetado pela SEI conta com dados atualizados até setembro de 2018.

A perda líquida projetada pela SEI para os próximos três meses já estava no radar e não prejudica o entendimento de que o mercado de trabalho vem experimentando avanços, até porque as chances são de um resultado trimestral menos degradado que aqueles dos últimos quatro anos. Mesmo sem o alcance do período pré-crise, o saldo positivo do acumulado deste ano representará um alento perante o quadro recente. Ademais, os últimos dados de fluxos do Caged, ao confirmarem um saldo acima do esperado, reforçam o juízo de que a retomada do emprego na Bahia se aproxima de um itinerário um pouco mais consistente do que outrora.

O recuo último do pessimismo, sancionando o nível de confiança do empresariado local num patamar melhor que o de outros tempos, também se constitui num ingrediente favorável. Além do que, as informações mais atuais provenientes da PNADC alimentam a percepção de que as bases para a recuperação continuam sendo formadas, mesmo que vagarosamente. Os dados da PEDRMS, por outro lado, não coadunam com essa reflexão. Em suma, hoje, o futuro parece mais promissor, já que os vestígios se mostraram mais numerosos. A percepção no momento, portanto, é de que o mercado de trabalho local tende a seguir o curso da reabilitação, mesmo sem manifestar tanta vitalidade.

NOTAS METODOLÓGICAS

PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: Grande Pessimismo, de -1.000 a -500; Pessimismo, de -500 a -250; Pessimismo Moderado, de -250 a zero; Otimismo Moderado, de zero a 250; Otimismo, de 250 a 500; e Grande Otimismo, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



PROJEÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX permite a inclusão de variáveis explicativas.

